

ÍNDIOS E BRANCOS NO PROCESSO COLONIZADOR DO SUL CATARINENSE NA OBRA “HISTÓRIAS DO GRANDE ARARANGUÁ”, DE JOÃO LEONIR DALL’ALBA

João Henrique Zanelatto¹
Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Socioeconômico
Universidade do Extremo Sul Catarinense
Grupo de Pesquisa “História Econômica e Social de Santa Catarina”

Gilvani Mazzucco Jung²
Universidade do Extremo Sul Catarinense

Rafael Miranda Ozório³
Universidade do Extremo Sul Catarinense

Recebido: 10/02/2014 Aprovado: 22/11/2014
--

Resumo: O artigo analisa a representação do indígena e a legitimação de seu extermínio no Sul de Santa Catarina durante o processo de colonização no final do século XIX e o início do século XX. Para isso, fez-se uso das entrevistas presentes na obra “Histórias do Grande Araranguá”, do padre João Leonir Dall’Alba publicado em 1997. Através da interpretação das falas foi possível compreender o papel de três sujeitos históricos presentes na colonização: o índio, o colono e o bugreiro. Foram abordados no escrito os seguintes aspectos: a) o processo de ocupação do Sul Catarinense, inicialmente por lusos e açorianos e posteriormente pelos imigrantes europeus; b) a memória do contato e do extermínio dos índios; c) a construção do índio nas narrativas; d) as narrativas sobre o bugreiro; e) a invisibilidade do indígena nos espaços de memória no Sul Catarinense.

Palavras-chave: Colonização - Índio - Extermínio

INDIANS AND WHITE IN THE PROCESS SETTLER CATARINENSE SOUTH AT WORK
"STORIES OF THE GREAT ARARANGUÁ" JOÃO LEONIR DALL'ALBA

Abstract: The article analyzes the representation of indigenous and legitimizing their extermination in the South of Santa Catarina in the process of colonization in the late nineteenth century and early twentieth century. For this, use was made of the interviews in the present work "Stories of the Great Araranguá", the priest John Leonir Dall'Alba published in 1997 Through the interpretation of the speeches was possible to understand the role of three historical subjects present in colonization: the Indian the settler and the bugreiro. A) the process of occupation of Southern Santa Catarina, initially by lusos and Azorean and later by European immigrants::

¹ Endereço de correspondência: R. Santo Antônio, 457. Bairro Centro – Criciúma – SC. CEP. 88801440. E-mail: jhz@unescc.net.

² Endereço de correspondência: R. Conego Miguel Giaca, 192. Bairro Caravaggio – Nova Veneza – SC. CEP. 88868000. E-mail: gilvanimj@gmail.com.

³ Bolsista CNPq. Endereço de correspondência: R. Luiz Mezari, 506. Bairro Santa Cruz – Forquilha – SC. CEP. 88850000. E-mail: raphaozorio@gmail.com.

The following aspects were addressed in writing b) the memory contact and extermination of the Indians; c) the construction of the Indian in the narratives; d) narratives about bugreiro; e) the invisibility of indigenous memory spaces in the south of Santa Catarina.

Keywords: Colonization - Amerindian - Extermination

Introdução

O presente escrito tem por intenção analisar as relações entre índios e brancos no processo da colonização e na sociedade que se estabeleceu no Sul de Santa Catarina a partir do final do século XIX. Analisamos como sujeitos históricos os povos que habitavam a região: os indígenas – o grupo Xokleng, e os colonos - imigrantes europeus.

Definidos espacialmente o Sul de Santa Catarina, entre o fim do século XIX e começo do século XX, temos como obra balizadora *Histórias do grande Araranguá* do padre João Leonir Dall’Alba publicada em 1997. Constituída em sua totalidade por entrevistas com moradores do Vale do Araranguá,⁴ Dall’Alba empreendeu uma árdua tarefa de salvaguardar relatos, contos, histórias; que mesmo não discutindo ou problematizando suas fontes, deixa a tarefa para aqueles que virão a usar sua obra, segundo suas palavras: “Há todo um patrimônio cultural guardado aqui, felizmente salvo em tempo, de um desaparecimento inevitável”.⁵ Poderemos analisar quanto aos elementos que serviram a Dall’Alba de motivação, como a concepção de história, memória e cultura.

Aproximadamente cento e cinquenta entrevistas compõem *Histórias do grande Araranguá*, as quais mais da metade fazem referência à presença indígena. Buscamos nas entrevistas realizadas nas décadas de 1970 e 1980 pelo padre Dall’Alba o processo de contato e de extermínio indígena – os Xokleng no Sul Catarinense. É preciso lembrar que os depoimentos são frutos da memória, que sofrendo alterações do tempo e emoções, ressignificam vários elementos no processo de lembrar e esquecer, sendo que grande parte das lembranças fazem

⁴ Atualmente o Vale do Araranguá é formado pelos municípios que compõe a Amesc (Associação dos Municípios do Sul Catarinense) e de parte dos municípios da Amrec (Associação dos Municípios da Região Carbonífera) – Criciúma, Içara, Nova Veneza e Forquilha.

⁵ DALL’ALBA, João Leonir. **História do grande Araranguá**. Araranguá: Gráfica Orion Editora, 1997. p. 17.

referência à própria pessoa ou a algum familiar, deste modo é compreensível que haja alterações para manter-se certa “imagem”.⁶

Padre João Leonir Dall’Alba nasceu em 02 de fevereiro de 1938 no estado do Rio Grande do Sul no município de Caxias do Sul e faleceu em 12 de dezembro de 2006 na mesma cidade de nascimento. Foi religioso da Congregação de São José – Josefinos de Murialdo, graduado em filosofia e teologia, fez vários cursos na área de antropologia realizados em universidades italianas. Além do trabalho pastoral de padre, foi missionário durante 13 anos no Equador. Trabalhou com educação, foi fundador da UNIBAVE - Fundação Educacional Barriga Verde, do Museu conde d’Eu e do Museu ao Ar Livre, todos em Orleans, município situado no Sul Catarinense onde viveu por vários anos. É o autor com o maior número de publicações sobre a história do Sul Catarinense.⁷ Seus livros, basicamente, se constituíram de uma reunião de dados, reprodução de relatórios consulares e um número significativo de entrevistas transcritas e publicadas na íntegra. Como já exposto, não observamos nenhuma análise das entrevistas e nem dos relatórios. De maneira geral, suas obras caracterizam-se por uma reprodução de documentos, descrição de fatos, os mais diversos, que vão desde a criação de escolas, times de futebol, associações, clubes sociais, política local, biografias de pessoas “ilustres” políticos, padres, empresários, fundador da cidade, principais famílias.

Os Xokleng, a ocupação do sul por lusos, açorianos e a colonização europeia

A historiografia sobre a ocupação do território no sul do Brasil e o posterior envolvimento com os povos indígenas, aponta para três momentos e conjunturas econômicas responsáveis pelos contatos. A primeira iniciada a partir da chegada

⁶As reflexões sobre a memória ver: POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. Traduzido por Dora Rocha Fleksman. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989. Memória e Identidade social. Traduzido por Monique Augras. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992.

⁷ Destacam-se aqui as obras publicadas pelo Padre: DALL’ALBA, João Leonir. **O Vale do Braço do Norte**. Orleans: Edição do autor, 1973.; **Laguna antes de 1880**: documentário. Florianópolis: Lunardelli/UDSC, 1979.; **Imigração italiana em Santa Catarina**. Caxias do Sul: Editora da Universidade de Caxias do Sul. Florianópolis: Lunardelli, 1983.; MARZANO, Luigi. **Colonos e missionários italianos na floresta do Brasil**. Tradução de João Leonir Dall’Alba. Florianópolis: Editora da UFSC/Prefeitura Municipal de Urussanga, 1985.; **Colonos e mineiros no grande Orleans**. Florianópolis: Lunardelli, 1986.; **História do grande Araranguá**. Araranguá: Gráfica Orion Editora, 1997. **Pioneiros nas terras dos condes**. 2ª ed. Orleans: Gráfica do Lelo, 2003.; **São Ludugero para o Brasil: Memórias do padre José Pereira Kuns**. Orleans: FEBAVE, 2005.

dos europeus na primeira metade do século XVI, navios portugueses e espanhóis aportavam no litoral catarinense para reabastecimento e aguada, em especial São Francisco do Sul, Desterro, Imbituba e Laguna – estabeleceram os primeiros contatos com o carijó, povo vinculado ao tronco Tupi-guarani que habitavam o litoral catarinense.

As pesquisas arqueológicas realizadas na ilha de Santa Catarina encontraram vestígios da presença dessa população 400 anos antes da chegada dos europeus, à época denominada Carijó. Em 1528 aparece pela primeira vez o emprego do nome Guarani, na carta de Luiz Ramirez. Os Guarani litorâneos ou Carijós mantinham comunicação com os demais Guarani que ocupavam os atuais estados do RS, PR, SP e os países do Paraguai, Argentina e Bolívia. O registro mais emblemático desse contato foi feito pelo navegador espanhol Álvar Núñez Cabeça de Vaca que ao ser nomeado governador do Paraguai, desembarcou na ilha de Santa Catarina, em 1541, e seguiu pelo caminho do Peabiru até Assunção (PY), guiado pelos Guarani. Durante o percurso, Cabeça de Vaca registrou a fartura de alimentos que encontrava nas aldeias por onde passava sua comitiva de mais de 200 pessoas e observou que desde o litoral até Assunção a população Guarani falava a mesma língua.⁸

Os Carijós sofreram duas formas de ações dirigidas pela instituição colonial: a primeira ligada à tentativa de escravidão pelos vicentistas, proveniente da Vila de São Vicente, e a segunda como parte de tentativa de aldeamento e catequese pelos jesuítas, situação que atrelada à outra série de possibilidades leva ao final do século XVII o seu total extermínio.⁹ A segunda conjuntura dá-se quando o planalto é desbravado pela presença de caminhos nos campos gerais da serra, inserida com a fundação da vila de Lages, ao qual os Kaingáng, do tronco Jê, foram possivelmente incorporados às grandes fazendas, servindo como peões e defensores contra os outros grupos Kaingang “rebeldes”.

Conforme esta perspectiva historiográfica nesta conjuntura ocorre um processo de aculturação e marginalização dos grupos indígenas.¹⁰ Entretanto é

⁸ BRIGHENTI, Clovis Antonio. Povos indígenas em Santa Catarina. In: NOTZOLD, Ana Lucia V. ROSA, Helena A. BRINGMANN, Sandor F. (Orgs.). **Etnohistória, história indígena e educação: contribuições ao debate**. Porto Alegre: Pallotti, 2012. p. 43.

⁹ LAVINA, Rodrigo. Indígenas de Santa Catarina: história de povos invisíveis. In: BRANCHER, Ana. **História de Santa Catarina: estudos contemporâneos**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1999. p. 77-78.

¹⁰ Idem, p. 78.

preciso refletir sobre esta perspectiva de abordagem, que simplifica o processo, colocando estes grupos meramente como objetos da ação colonizadora e não como sujeitos. É imperativo apontar para etnogênese, as ressignificações, os índios misturados, as metamorfoses indígenas, ou seja, é preciso pensar os índios como sujeitos de sua história.¹¹ Não se trata apenas de conhecer as histórias específicas de diferentes povos nativos, mas, sobretudo considerá-los como sujeitos fundamentais no processo de construção da sociedade em que estavam inseridos. Mesmo tendo enfrentando situações extremamente difíceis e uma infinidade de restrições de ordem jurídicas e sociais, eles contribuíram também para delinear os limites e possibilidades daquelas sociedades.¹²

Exemplo do exposto destaca-se aqui mesmo que rapidamente a luta dos Xokleng ao longo do século XX para reconquista de suas terras e outros direitos.

Em 1914, depois de mais de um século de resistência frente aos não indígenas que avançavam sobre seu território, um grupo Xokleng, autodenominado LaKlãnõ, resolve aceitar contatos amistosos com os não indígenas. O encontro ocorre no Alto Vale do rio Itajaí, nas margens do rio Platê. Esta região do rio Platê era o pouco espaço que ainda restava ao Xokleng, espremidos entre as frentes de ocupação. Do leste avançavam colonos italianos, alemães e seus descendentes, subindo cada vez mais as serras em busca de madeira e terra para o cultivo. Do oeste avançavam fazendas e colonos.¹³

Neste contexto o governo estava vendendo as terras aos colonos sendo reservado um minúsculo pedaço aos Xokleng, cerca de 40 mil hectares. Contudo a documentação de registro destas terras foi assinada somente em 1926 e não respeitou os limites estabelecidos em 1914. “Nos anos seguintes, as terras reservadas foram invadidas, vendidas e negociadas com a participação ativa do Estado, representado pelos servidores do SPI que se localizavam nas terras indígenas.”¹⁴

¹¹ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. **Metamorfoses Indígenas**: identidade e cultura nas aldeias coloniais do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2003.

¹² Idem.

¹³ BRIGHENTI, Clovis Antonio. Terras indígenas em Santa Catarina. *In*: NOTZOLD, Ana Lucia V. ROSA, Helena A. BRINGMANN, Sandor F. (Orgs.). **Etnohistória, história indígena e educação**: contribuições ao debate. Porto Alegre: Pallotti, 2012. p. 268.

¹⁴ Idem, p. 268.

Os Xokleng acusaram o chefe do SPI na época de ter negociado parte das terras demarcadas com o empresário Leopoldo Zarling para exploração da madeira e depois invadida pelos próprios trabalhadores que trabalhavam na extração da madeira. São vários os relatos de indígenas que apontam para este episódio.¹⁵

Na década de 1950 o governo desanexou 6 mil hectares da terra indígena, a mesma que havia sido invadida na década de 1920 e regularizou para agricultores invasores. Com essa atitude do governo os Xokleng ficaram com menos da metade das terras de 1914. Em 1962, ocorreu outra invasão organizada por um empresário de Ibirama que estava interessado na exploração da madeira. Foram mais de 300 famílias que invadiram o território Xokleng. Frente a esta violência os Xokleng decidiram buscar ajuda no governo do estado e se deslocaram a pé até Florianópolis para denunciar o ocorrido. A ação Xokleng foi vitoriosa, as famílias foram retiradas de suas terras com a presença do exército.¹⁶ A luta não parou:

Em 1995, os indígenas iniciam mobilização no sentido de recuperar as terras que foram subtraídas. A mobilização surte efeito positivo e, em 1998, a Funai cria um Grupo Técnico para proceder estudos antropológicos, históricos, ambientais e cartográficos no sentido de identificar a terra reservada em 1926. O resultado foi a constatação de que, ao longo de 70 anos, pelo menos 23 mil hectares de terras haviam sido retirados dos Xokleng, parte delas estavam com famílias de agricultores, mas parte estava nas mãos de empresários do ramo madeireiro, que retiraram mata nativa para cultivar pinus.¹⁷

Retomando o processo de contato entre índios e brancos vem o terceiro momento, já nos meados do século XIX e início do XX, coloca os Xokleng, aparentados do mesmo tronco linguístico dos Kaingáng do planalto, diante de alemães, italianos e outros grupos étnicos. A intensificação do contato dá-se pela progressiva e constante ocupação de um espaço formado por densa mata atlântica, abrangendo do litoral às bordas próximas da serra geral, a partir do

¹⁵ Idem, p. 268-269.

¹⁶ Idem, p. 269.

¹⁷ BRIGHENTI, Clovis Antonio. Terras indígenas em Santa Catarina. In: NOTZOLD, Ana Lucia V. ROSA, Helena A. BRINGMANN, Sandor F. (Orgs.). **Etnohistória, história indígena e educação: contribuições ao debate**. Porto Alegre: Pallotti, 2012. p. 269.

estabelecimento de “colônias”, vendidas aos interessados, criadas por iniciativa governamental ou particular.¹⁸

Segundo o antropólogo Silvio Coelho dos Santos, entre o território que se estendia do litoral ao planalto catarinense, entre o vale do Itajaí e a proximidade do atual Estado do Rio Grande do Sul, tradicionalmente servia de território de refúgio e coleta dos Xokleng, que por serem nômades sazonais migravam em diferentes momentos do ano em busca de alimentos.¹⁹

Os Xokleng disputavam o território do planalto contra os Kaingáng pelo valor nutricional proporcionado na coleta do pinhão e abundância da caça nos períodos do inverno, período de maior concentração de indivíduos e momento do ritual de perfuração do lábio, sinal de distinção do grupo. Com a expansão colonizadora, progressiva com criação no planalto das grandes fazendas, e ocupação do litoral, seu acesso acabou sendo restringido somente às bordas da serra geral, ocupada intensamente somente a partir de 1850.

Os Xokleng somente poderiam ser aceitos e integrados ao Império se fossem submissos aos ideais “nacionais” e à “civilização”. Mediante a resistência dos Xokleng a esta imposição, é desenvolvida uma política que direciona uma ação de extermínio.

Em três séculos (até o XVIII, nossa marcação), atividades econômicas e interesses políticos foram responsáveis pela conquista e povoamento do extremo sul da colônia. O povoamento se deu, essencialmente, seguindo a linha da costa e o ‘caminho das tropas’ que se abriu, ligando as campanhas do Rio Grande a Sorocaba. No litoral, Paranaguá, São Francisco, Desterro, Laguna e Rio Grande foram os polos estratégicos em que se apoiou a política expansionista da Metrópole e, assim, as correntes de povoamento.²⁰

No Sul de Santa Catarina, é fundada a vila de Laguna em 1678, levada à condição de município em 1714, e posteriormente cidade em 1847. Inicialmente ocorre o estabelecimento de lusos migrantes, ocorrendo um gradativo aumento populacional com estabelecimento de açorianos em 1750. Destaca-se no primeiro

¹⁸ LAVINA, Rodrigo. Indígenas de Santa Catarina: história de povos invisíveis. In: BRANCHER, Ana. **História de Santa Catarina**: estudos contemporâneos. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1999. p. 77-78.

¹⁹ SANTOS, Silvio Coelho dos. **Índios e brancos no sul do Brasil**. Florianópolis: Lunardelli, 1973.

²⁰ Idem, p. 47-48.

momento a exploração da grande propriedade, através das chamadas sesmarias, uma forma oficial de povoamento do Império português, advinda de concessões reais. No império, com o crescimento das vilas, seu avanço populacional e comercial, torna-se cidades ou municípios, como, por exemplo, Tubarão em 1870 e Araranguá em 1880.

Ao longo do século XIX processa-se em Santa Catarina a vinda de um grande contingente de imigrantes, vindo da Europa, onde são criados os núcleos coloniais de Blumenau e Joinville. Na região mais ao sul de Santa Catarina, a ocupação tem início com a vinda de alemães que se estabelecem próximos ao vale do braço do norte em 1873. Em seguida ocorre a vinda de italianos que foram estabelecidos em todo o sul catarinense.

A imigração italiana para o sul catarinense ocorreu quando o governo imperial nomeia, em 1876, o engenheiro Joaquim Vieira Ferreira para instalar e organizar uma colônia no Vale do Tubarão. Assim, em 1877, era fundado o núcleo colonial de Azambuja, seguido por Urussanga em 1878, e Criciúma em 1880. Em 1882, era também criada nas terras do Conde d'Eu e da Princesa Isabel, localizadas nas cabeceiras dos rios Tubarão, Braço do Norte e Gravatal, a colônia Grão Pará, ocupada por imigrantes de várias etnias. Posteriormente, outros núcleos coloniais privados ou particulares foram sendo criados na região.²¹

Ao contrário da ocupação inicial lusa, essa ocorre tendo como característica a pequena propriedade, vendida aos colonos, sendo empregada a força de trabalho da própria família e não contando com escravos, tendo em média de vinte e cinco a trinta hectares cada família.

A imersão de grupos tão divergentes entre si, mesmo entre “brancos”, leva a uma série de conflitos. Os núcleos coloniais estiveram, como no caso da colônia Grão-Pará, a disposição de vários grupos étnicos, pois aquela colônia fazia parte do dote recebido pela princesa Isabel casada com o conde D, e ali pretendiam instalar uma colônia modelo trazendo imigrantes de diversas etnias. A colônia Grão Pará diferenciou-se de outros núcleos coloniais como Urussanga, Nova Veneza ou Criciúma, onde o imigrante italiano predominou. Em alguns casos, muito recorrentes na historiografia tradicional, acaba-se por ligar a existência do lugar a

²¹ ZANELATTO, João Henrique. **De olho no poder**: o integralismo e as disputas políticas em Santa Catarina na era Vargas. Criciúma: ediUNESC. EdiPUCRS, 2012. p. 136.

partir de determinados marcos, dispostos e reconhecido pelo próprio grupo que faz tal distinção, mas é preciso lembrar que já havia grupos de pessoas vivendo nas terras. Além do “bugre” - termo pejorativo empregado para indicar o indígena, ao qual discutiremos mais na frente, havia o “caboclo” como descreve Linho Honorato Fernandes em entrevista a Dall’Alba:

Por caboclo nós entendíamos as pessoas que não tinham contato com a comunidade, com inteligência, caçando, pescando. Se recusavam até a ter contato com as outras pessoas. Ainda existem hoje, já mais no costão. Em relação a nós, eles tinham o mesmo dialeto, só o deles mais curto, com menos palavras avançadas. De origem portuguesa também, viviam mais afastados do centro, mais ocultos das pessoas, mais envergonhados. Muitos deles talvez tivessem vindo para se esconder mesmo. Li num livro que contava uma história que D. Manuel mandou tirar da cadeia pessoas de Portugal e mandou para Laguna. Ali numa época só, casaram-se onze portugueses com bugras, porquê tinham vindo só homens de lá. Minha avó contava que a bisavó de meu pai era uma bugra.²²

São indicados e reconhecidos como aqueles que provêm de mistura com outras etnias,²³ são considerados inferiores e sem predisposição ao trabalho. Assim, em sua narrativa o senhor Linho Honorato Fernandes procura explicar o processo de ocupação do Sul Catarinense pelos lusos e açorianos e ao mesmo tempo evidencia os contatos que foram se estabelecendo através de casamentos de índios com não índios na região e que contribuiu para dar origem ao caboclo. No final do século XIX com a chegada dos imigrantes europeus, estes vão promover violentamente o extermínio dos Xokleng na região.

²² DALL’ALBA, João Leonir. **História do grande Araranguá**. Araranguá: Gráfica Orion Editora, 1997. p. 420.

²³A Ressignificação transitória por qual a palavra trabalho passa, e a exaltação do trabalho agrícola com a diferenciação entre o trabalho dos imigrantes em relação a outros, como brasileiros, açorianos e caboclos, pode ser verificada no estudo de: NASCIMENTO, Dorval. **Faces da Urbe: processo identitário e transformações urbanas em Criciúma – SC (1945-1980)**. São Luís: Café & lápis; Criciúma EDIUNESC, 2012. O autor problematiza na região de Criciúma a formação de discursos que constrói uma identidade de base étnica, por reafirmar um grupo em relação a outros. No caso o discurso identitários aponta para os imigrantes italianos e alemães a tarefa de desbravar e ocupar o território e levar para a região o princípio de civilização. É esse imaginário que possivelmente motiva os entrevistados que, nesse momento, reconhecendo-se a determinado grupo e negando a participação a outros, estabelecem e se identificam a uma determinada origem.

Memória do extermínio: justificativa, sentido e significado

Ainda de índios, contavam que havia muitos caçadores de índios, mandados pelo governo, porque o povo tinha medo e não podia progredir.[...]. Esses colonos de origem italiana, alemã, são gente de trabalhar, progredir os que são bons, né. Agora o índio, não. Na minha idéia, o culpado foi o governo que botou os colonos nas terras dos índios.²⁴

Voltando-se agora com maior ênfase aos relatos, é perceptível uma constante justificativa, mesmo temporariamente distante, colocada pelos próprios colonos para realização da caçada empreendida contra os bugres, sempre recorrendo às considerações que remete às suas características, empregada pelos mesmos como: violentos, bárbaros, o próprio termo “bugre” ganha um sentido pejorativo aplicado pelos brancos; também são designados como botocudos, em referência ao furo nos lábios, distinção do grupo. A citação também dá a entender que o “bugre” é um inimigo a ser combatido por todas as etnias, pois estavam impedindo o progresso que estes imigrantes estavam trazendo para a região. Parece que os Xokleng não são inimigos dos colonos, mas um inimigo de toda “civilização”. Com a implantação dos núcleos coloniais e em sentido paralelo, o acuartelamento dos índios, os contatos são recorrentes, conforme afirma a senhora Alvina Rocha Longaretti, na região de Meleiro:

Ao chegar só encontraram a mata virgem com muitos índios. Estes roubavam muito. Eram um perigo para as famílias. Nossa gente não tinha ordem de matar, era só de espantar os índios. (...) Mas foi, que veio uma família com oito filhos. A mãe estava grávida. Escapou um porco e a mulher saiu com um menino, procurando. (...) Os índios mataram a mulher para tirar-lhe o porco. Mataram a mulher grávida com oito filhos. Então reclamaram, deram parte ao governo. Ai veio a ordem: se comessem assim, era para matar.²⁵

O contato, nitidamente entendido como somente agressões ou roubos por partes dos indígenas, demonstram certa proximidade e apreensão ligada pelo conhecimento de novas ferramentas, obtidas a partir da espoliação. Logicamente a

²⁴ PEREIRA, Pedro Marto 78 anos, entrevistado em novembro de 1985 em Araranguá. DALL'ALBA, João Leonir. **História do grande Araranguá**. Araranguá: Gráfica Orion Editora, 1997. p. 26.

²⁵ LONGARETTI, Alvina Rocha entrevistada em Meleiro. DALL'ALBA, João Leonir. **História do grande Araranguá**. Araranguá: Gráfica Orion Editora, 1997. p. 316.

presença de outros percorrendo e estabelecendo suas moradias em suas terras, se apoderando de sua caça e vitimando os seus, deu início à represália por parte dos Xokleng. Para o lado dos novos habitantes, os colonos adotam medidas claras, mas segundo o relato, somente quando a violência direcionada contra os indígenas torna-se justificável, “afugentar” seria papel inicialmente da companhia de pedestres, núcleo vinculado ao exército, extinto em 1879.

A companhia de pedestre teve sua criação ligada a medidas que visavam a proteção e a garantia de seguridade da população das colônias do Vale do Itajaí, enquanto se esboçava a ocupação entre o planalto e o litoral, tendo em consciência a presença dos "silvícolas" na região. É criada em 1836, pelo governo provincial, com sessões em Itajaí e São Francisco, seu contingente em 1856 contava com cerca de 70 homens. Tinha como objetivos claros dar respostas a um possível ataque silvícola e na construção de medidas para esse fim, com abrir caminhos na mata e reconhecimento da região, entretanto, a violência seria empregada como último recurso. Não obstante, ao longo dos anos se mostrou ineficiente em números, equipamentos e atuação. Para atender os reclames das colônias, considerando sua característica estacionária e tendo em vista o recrutamento "Os pedestres não estavam habilitados, nem equipados, para a função e com eles ou sem eles os índios realizavam suas incursões às terras que o civilizado estava a penetrar".²⁶

Como uma medida governamental, a companhia de pedestres admitia algumas pessoas civis, conhecedores da região para mobilizar sua ação, embora restringida a "afugentar" e manter a segurança, entretanto, essa acaba por consagrar e dar sentido à prática "de um bando armado penetrar no sertão em seguida a um assalto dos indígenas, para afugentá-los."²⁷ Com a extinção da companhia e do grupo de batedores do mato, parte ligada à companhia de pedestre, a resposta contra os indígenas passa a vir dos grupos de bugreiros, pois "As palavras 'bugreiros', 'caçadores de índios', 'tropas', 'montarias', imediatamente começam a aparecer nos documentos oficiais e oficiosos e nas notícias dos jornais

²⁶ SANTOS, Silvio coelho dos. **Índios e brancos no sul do Brasil**. Florianópolis, Lunardelli: 1973. p. 66-67.

²⁷ Ibid., p. 78.

de então".²⁸ Essas práticas, entrar na mata, contar com conhecedores da região, habituados com o espaço e conhecedores dos indígenas, surgidas destas primeiras experiências, foram utilizadas pelo imigrante, pelos diretores da colônia e pelo governo provincial e depois estadual.

No sul de Santa Catarina, os colonos, além de uma taxa de participação para financiar a sua própria defesa, tinham por obrigação no contrato, ir contra os grupos Xokleng.²⁹ Com a intensificação dos contatos, os colonos são autorizados pelo governo, que deu carta branca ao extermínio, fornecendo inclusive recursos financeiros. A mesma história é contada no depoimento da senhora Custódia Rocha Alexandre, porém com a presença do mito:

De início era assim, bastante paz. Mas um dia uma senhora que morava aqui deu pela falta de um porco. Partiu na procura, com o filho, esse armado de espingarda. Passaram por uma roça de cana. Ao abrir a última cana para sair da roça recebeu uma flechada. Ainda gritou: 'Atira meu filho, e corre!' Os bugres lhe tiraram a roupa. Foi enterrada aqui em nosso cemitério. Deu-se um caso interessante com ela. Sua sepultura de chão, nunca abaixava! Um dia foram cavoucar para enterrar outra pessoa e encontraram ela ainda sangrando, depois de muitos anos. Foram dar parte para os padres. A mulher estava inteirinha.³⁰

Não nos interessa analisar se os contatos compreendidos como ações empreendidas a partir dos índios, tinham intenção de matar ou roubar, nem tampouco confirmar a veracidade do mito, mas sim, entender como estas representações mobilizou o imaginário, legitimando as ações dos colonos, proporcionando medidas efetiva contra os indígenas. Os índios que seriam os responsáveis por uma "ruptura" na aparente paz dos contatos, fantasiando certa convivência harmoniosa que é violentamente, de forma insensível, interrompida por uma ação selvagem e maldosa dos índios e, os colonos, sempre responderiam de maneira a defender sua colônia e seu povo.

Os colonos quando têm que se posicionar diante de uma ameaça, dispõe de elementos que lhes asseguram a normalidade, superada ou ultrapassada por uma

²⁸ Ibid., p. 78.

²⁹ Ibid., p. 66-67.

³⁰ ALEXANDRE, Custódia Rocha entrevistada por: DALL'ALBA, João Leonir. **História do grande Araranguá**. Araranguá: Gráfica Orion Editora, 1997. p. 323.

ação indígena, que represente uma injustiça, como um roubo ou uma morte. Em todos os casos elas se colocam sobre um ato de covardia, pela morte de crianças ou mesmo pessoas idosas, incapazes de se defenderem, ou mesmo por uma flecha que saía de algum arbusto, atingindo diretamente as costas, encarado como um ato extremo de covardia. O pretexto expresso nos casos coloca a violência como uma medida praticamente comum, um revide ou uma estratégia de defesa.

A necessidade de uma justificativa para esta barbárie sedimentava-se na construção de uma identidade já muito negativa aos indígenas, disseminando no imaginário uma ação moralista, em que a ética liberava da culpa as práticas de limpeza étnica, pois segundo Santos “a caracterização dos Xokleng como ‘selvagens desalmados’, que tudo faziam para matar ao branco, foi comum e necessária para se justificar as ações que sobre eles deflagravam os bugreiros e os colonos”.³¹ Em outro ponto, os indígenas são considerados como parte da mata, pertencentes à floresta, entendidos possivelmente como animais, inclusos na própria fauna aqui encontrada. Sofrendo uma perseguição implacável e sendo dizimados progressivamente, a perda do território indígena influenciou em graves transformações na cultura e subsistência destes povos. A qualquer aproximação eram afugentados com tiros e palavrões, com uma mínima possibilidade de estabelecer algum tipo de contato. É perceptível esta mentalidade “justiceira” no depoimento de Serafim Soares de Araujo:

Quando fui fazer uma estrada no Meleiro uns companheiros me convidaram para passar umas horas na casa do pai deles. “olha”, dizia ele, “eu não tinha a coragem de matar uma galinha, mas para uma cabeça de bugre eu era o primeiro, porque eles fizeram muito banditismo. Aí tivemos que persegui-los.”³²

No caso em questão podemos perceber outra particularidade nos relatos: as áreas que contam com tão inflamado discurso “anti-bugre” são notadamente as últimas abertas à colonização e demarcação. Onde os próprios narradores estiverem presentes, não às incursões, por apresentarem na época entre 8 a 12

³¹ SANTOS, Silvio coelho dos. Op. Cit., p. 97.

³² ARAUJO, Serafim Soares de 88 anos entrevistado em abril de 1986. DALL’ALBA, João Leonir. **História do grande Araranguá**. Araranguá: Gráfica Orion Editora, 1997. p. 46.

anos, mas afirmam que os colonos “Quando entravam em Meleiro mataram muito bugre”.³³ Porém são oriundos de grupos que estiveram diretamente em contato os Xokleng. Em muitos momentos, segundo os entrevistados, quando discorrem sobre a presença de bugres ou bugreiros a resposta segue a mesma linha, afirmando que mais ao interior poderão contar melhores histórias. Tranquilamente pode-se afirmar que o discurso afamado encontrado em algumas entrevistas mostra-se muito diferente, não somente por esse motivo, daqueles que tiveram na cidade de Araranguá entre 1920-1950, que tiveram contato com crianças trazidas para a cidade depois de batidas nos redutos Xokleng, mesmo que para eles o tratamento seja aquele disposto por uma rede de exclusão e preconceitos.

No momento do contato dos imigrantes com os Xokleng, o estabelecimento no território demarcado para a construção das colônias, o reconhecimento do outro, a sessão de insegurança, a instauração de medidas contra os Xokleng e o conflito, cristaliza um imaginário construído e reafirmado no momento, entretanto, é recriado e resignificado posteriormente entre a sociedade que se estabelece na região.³⁴ Para os imigrantes a perseguição apoiada por medidas como a ruptura de certa ordem, ou em situações particulares, como vingança pessoal, contrasta com a participação da administração da colônia e do governo provincial. É Baczko quem nos diz que “é através das suas representações ideológicas que uma classe exprime suas aspirações, justifica moral e juridicamente os seus objectivos, concebe o passado e imagina o futuro”.³⁵ Com uma definição mais aprofundada, Baczko discursa sobre como o imaginário é constituído e se estabiliza:

A fim de que uma sociedade exista e se mantenha, assegurando um mínimo de coesão, é preciso que os agentes sociais acreditem na superioridade do facto social sobre o facto individual, que se dotem de uma ‘consciência colectiva’, isto é, um fundo de crenças comuns que exprima o sentimento da existência da colectividade. (...) As representações colectivas exprimem sempre, num grau qualquer, um estado do grupo social, traduzem a sua estrutura actual e a maneira

³³ Idem, p. 42-43.

³⁴ Aldo Faraco, 1959 apud NASCIMENTO, Faces da Urbe...Op. Cit. p. 106. Tem início, a mensagem do prefeito de Criciúma, a seus cidadãos "aqui chegaram os primeiros colonizadores, imigrantes italianos, trazendo na vanguarda, como condutor e orientador o bugreiro Manoel Miranda".

³⁵ BACZKO, Bronislaw. Imaginação social. In: **Enciclopédia Einaudi**. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, Editora Portuguesa, 1985. p. 304.

como ela reage frente a tal ou tal acontecimento, a tal ou tal perigo externo ou violência interna.³⁶

Segundo Mauricio da Silva Selau, na região do Sul de Santa Catarina, os bugreiros, "[...] tornaram-se figuras públicas respeitadas em sua época pelos moradores das áreas que estiveram em contato com a população Xokleng. Agricultores, comerciantes, diretores de colônia".³⁷ São reconhecidos pelo seu heroísmo, pois de sua "atividade" advém a segurança da colônia, a erradicação dos entreves para a continuidade das tarefas, como a produção agrícola e o comércio e a venda de novos terrenos. Selau, no entanto, demonstrou que: embora com a criação do SPI, em 1910, as ações dos bugreiros continuaram durante as primeiras décadas do século XX. E o recursos em dinheiro e armas fornecidos pelo governo a esses sujeitos foi comum e manteve-se às margens do sistema legal, sem comprometer as autoridades envolvidas e os bugreiros.

O colono, enquanto construído a partir da identificação de coletividade, tem no seu novo ambiente, um ambiente de insegurança. Nas entrevistas um elemento curioso são os perigos que a mesma expressa, são citados em muitos casos a presença de animais selvagens, como leões além dos supracitados "botocudos". As mulheres da colônia, quando precisavam lavar a roupa ou executar alguma tarefa próxima à mata, tinham que estar acompanhadas de um homem, de preferência armado, quando não, elas mesmas deveriam estar prontas para o imprevisto. Paralelo a esse sentimento, a expansão das terras e a destruição das matas seria um trabalho de limpeza e organização "A floresta dava lugar às cidades, às estradas, às propriedades dos colonos, com seus pastos e roças".³⁸ A visão da floresta é apresentada como algo a ser domado, sendo recorrente um orgulho em realizar tal feito na maioria das entrevistas.³⁹

³⁶ BACZKO, Bronislaw. Imaginação social. In: **Enciclopédia Einaudi**. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, Editora Portuguesa, 1985. p. 306.

³⁷ SELAU, M. da S. **A ocupação do território Xokleng pelos imigrantes italianos do Sul Catarinense (1875-1925): resistência e extermínio**. Florianópolis, SC. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2006. p. 134.

³⁸ SANTOS, Silvio Coelho dos. **Índios e brancos no sul do Brasil**. Florianópolis: Lunardelli, 1973. p.19.

³⁹ SELAU, Mauricio da Silva. Op. Cit., O autor problematiza as relações entre Xoklengs e colonos, no início do século através do porta voz da comunidade italiana, Padre Luigi Marzano que em 1906 escreve uma das primeiras obras sobre a colonização. Inicialmente publicada em idioma italiano,

Nas entrevistas, a caça de animais é sobreposta com as batidas realizadas contra os indígenas pelos bugreiros, geralmente identificado como bons caçadores: “Não havia mais bugres. Teve três bugreiros italianos: Natal Coral, Nicola Baldessar e outro que não lembro. Veados, pacas, cotias, tatus, macacos, quatis, tinha bastante”.⁴⁰ Dando mais seriedade “O maior caçador de antas que houve por aqui foi o Antônio Joaquim [...] Foi o maior matador de anta, de porco-do-mato e também deu batida em arrabalde de bugre nesse costão. [...]. Caçada com ele não falhava.”⁴¹ Os caçadores, adaptados ao ambiente, são exímios conhecedores das matas e dos animais, são experimentados quanto aos comportamentos dos indígenas. Independente de sua origem se mostram ávidos e experientes, empregando técnicas melhoradas e sendo temidos por sua coragem. Logicamente, quando há uma oposição e certamente um conflito evidenciado entre diferentes grupos étnicos, existe uma tendência em considerar somente o lado dos seus, como não tanto culpados.⁴²

No depoimento da senhora Maria Custódia Vieira, existe certa “sutileza” na justificativa:

Uma vez dois casais de alemães foram morar no meio do mato. Aí combinaram com os índios: ‘do córrego para cá é nosso, do córrego para lá é de vocês’. Estavam se dando muito bem. Mas os alemães tinham uns cachorros muito do brabo. Os bugrinhos varavam a extrema e vinham na casa dos alemães. Mas aí os cachorros mataram um bugrinho. Aí os

se torna referência a outros escritos, sendo traduzida e publicada em 1985. A obra reforça o discurso da própria colonização e o papel de seus agentes civilizados, fornece uma concepção de natureza, principalmente no que diz respeito à vitória sobre a mata e o esforço que foi necessário pelo trabalho “Nesta narrativa, Marzano dá início ao que ficou consagrado na produção de crônicas sobre o Sul Catarinense como a relação floresta versus progresso” (p.129). Segundo o mesmo autor para o religioso, o extermínio Xokleng era justificado pela defesa de sua propriedade, e segurança aos colonos, sendo ressaltados o sacrifício da conquista por seu trabalho e a máxima ao sentimento de união entre os que estivessem na mesma condição, imigrantes italianos.

⁴⁰ NIOTT, Marcos.; DALL’ALBA, João Leonir. **História do grande Araranguá**. Araranguá: Gráfica Orion Editora, 1997. p. 417.

⁴¹ MACHADO, João de Souza. Op. Cit., p. 36.

⁴² Outra obra publicada recentemente também por um religioso se aproxima do discurso do Padre Luigi Marzano e que produziu seu escrito no início do século XX. BALDESSAR, Quinto Davide. **Os imigrantes no confronto com os índios**. 2. ed. [S. l.]: Do autor, 2005. Nesta obra o religioso (padre) procura defender a sua família. Segundo o mesmo, seus antepassados foram, acusados injustamente de ter provocado o que chama de “hecatombe”. Entre os seus “antepassados” está Natal Coral, conhecido na região como caçador, era também agrimensor de terras. Todo o trabalho consiste em uma visão anacrônica, cheia de estereótipos e explicações infundadas o momento do contato e consequente extermínio.

bugres acabaram matando os alemães todos. Mataram tudo, tudo, tudo...
Coitados os alemães!⁴³

Mesmo estabelecendo um determinado “acordo” nesta relação presente no depoimento, que vale frisar, a ruptura só houve porque os “bugrinhos” (nome ao se referirem às crianças indígenas) invadiram o espaço que era dos alemães. O fato de estes possuírem “uns cachorros muito do brabo”, não foi o que causou a desavença. A morte dos alemães é enxergada com pesar, sem pensar que estas ações eram justificadas quando o inverso acontecia: quando o índio matava um colono, os outros colonos buscavam a vingança. No outro lado:

Não se pode pensar, também, que os indígenas se aproximaram do branco e de sua propriedade sempre com o intuito de observar, de ver o que fazia novo habitante, pacificamente. Na realidade os Xokleng eram homens e, como tais, sujeitos a emoções e atitudes imediatistas, desconectadas de qualquer objetivo futuro. Não havia assim guerra ao branco e sim revide a ataques ou simplesmente agressão, motivadas, às vezes, pelo encontro de índios e brancos em territórios que ambos tinham interesse. E para um povo que vivia já em estado de guerra, a presença dos brancos na floresta com suas armas barulhentas, não poderia significar paz”.⁴⁴

Enfatiza-se a resistência dos sujeitos, frente à expansão sobre suas terras, na defesa de seu modo de vida. Embora, Santos afirme a respeito da resistência, explica que não haveria um propósito uniforme conduzindo a reação Xokleng - a guerra contra os brancos. Essas não devem ser interpretadas com uma causa e consequência, e neste sentido caminha a reflexão de Santos, embora seja um povo guerreiro, a guerra dentro das coordenadas da sua cultura, não é o mesmo promovido pelos homens brancos. No entanto, existem interesses próximos, o território, a disponibilidade e existência de animais para a alimentação, assim como a coleta, e com efeito espaço para a manutenção da cultura. No entanto, como visto até agora, para os imigrantes, ao menor sinal da presença Xokleng: bugreiro era convocado; governo informado e solicitado; mobiliza-se por intermédio dos mesmos recursos e armas. Jornais noticiavam essas informações e para a

⁴³ VIEIRA, Maria Custódia. DALL’ALBA, João Leonir. **História do grande Araranguá**. Araranguá: Gráfica Orion Editora, 1997. p. 352.

⁴⁴ SANTOS, Silvio coelho dos. Op. Cit., p. 64.

sociedade as batidas aos acampamentos eram apresentadas, nas minúcias dos acontecimentos. Neste quadro, afinal, quem convoca e dirige estado de guerra contra o Outro?

Os resultados das ações de violência apreendida contra os grupos indígenas eram divulgados, de maneira corrente entre as populações, o que acabava criando certo grau de otimismo. Os bugreiros, reconhecidos por sua “bravura”, eram requisitados diante da população a contar suas façanhas. Ainda hoje alguns relatos mais gerais se mantêm presentes servindo de pano de fundo para uma série de contos que resistem, dando sentido à própria salvaguarda realizada pelo padre Dall’Alba. Encontramos relatos sobre as perseguições nas entrevistas que contêm elementos fornecidos pelos próprios sujeitos, os bugreiros. “Contavam histórias de bugres. Conheci um velho que foi matador de bugres.”⁴⁵ Também não buscamos desqualificar a imagem de suas famílias que vivem, em grande parte, até hoje nas regiões. Contudo, a situação deve ser exposta tendo o cuidado em compreender o profundo e complexo contexto. “Os bugreiros, caçador de bugres me contavam muito caso, ih!”⁴⁶ O senhor Ferreira, nascido em 1893 destaca-se nas entrevistas como uma figura simplória, de longe sua entrevista é a maior de todas, contando com cerca de quinze páginas, de uma riquíssima narrativa, abarcando uma infinidade de temas, além do seu contato com Xoklengs quando criança, em torno da região na Serra da pedra, próximo a Jacinto Machado.

O Mané Cambão me contava histórias de bugres. Aí nós perguntávamos por que eles fizeram essa traição e mataram os bugres. Dizia que começaram porque os bugres tinham matado uma mulher grávida ali no Manoel Alvez. Dizia que pediram autorização para os governantes. Receberam autorização e até armas e munições.⁴⁷

Há outro elemento que esteve como uma espécie de mitologia através da qual as incursões contra os indígenas deram-se pelo resgate de mulheres raptadas de suas famílias pelos indígenas. São histórias que percorrem os nomes de bugreiros, como - Mané Cambão e Natal Coral. Novamente recorrente nas histórias,

⁴⁵ FERNANDES, Linho Honorato.; DALL’ALBA, João Leonir. **História do grande Araranguá**. Araranguá: Gráfica Orion Editora, 1997. p.421.

⁴⁶ FERREIRA, Manuel. Op. Cit., p. 199.

⁴⁷ FERNANDES, Linho Honorato. Op. Cit., p. 421-422.

quando diretamente relacionadas às batidas “Os caçadores de bugres contavam para nós as histórias das caçadas. Nós éramos gente nova e escutávamos o que eles diziam. Chegavam lá, a tiros e a facão”.⁴⁸ Os ataques aos acampamentos eram feitos de forma estratégica, identificando a quantidade de indígenas, sendo minuciosamente estudados por experientes batedores, geralmente o líder do grupo, tendo sido o contratado para formar o grupo que faria a execução. A melhor hora era estudada e calculada, os homens armados ficavam dispostos em lugares combinados, enquanto outros tratavam de destruir as armas dos indígenas enquanto estes dormiam. A formação visava um afunilamento caso os indígenas quisessem escapar às pressas. Ao final de tiros e gritos, sobravam a ação de golpes a facão, certamente uma cena horrível de se presenciar. Dividiam os bens recolhidos, tendo entre eles os artefatos indígenas e algumas crianças sobreviventes que eram conduzidas à adoção, aquelas “possíveis” de serem levadas.

A construção do “bugre”: sujeitos ou animais?

Analisando as relações estabelecidas entre colonos e indígenas em Santa Catarina, é possível enxergarmos, que este processo colonizador colocou frente a frente culturas distintas, e que para o colono europeu era necessário modificar o espaço e “limpar” as “imperfeições”. As companhias colonizadoras propagandearam uma terra fértil, livre, onde os colonos poderiam estabelecer-se e produzirem abundantemente, diferente da Europa em crise no século XIX. Mas um problema entravava este “progresso” em Santa Catarina: o índio, sujeito construído pelos colonos como ágil e em certos momentos arredo, que é curioso e agressivo.

Se por um lado o “sucesso” da colonização em algumas regiões de Santa Catarina ocorreu pelo processo de negociação entre colonos, Estado e índios, por outro no Sul Catarinense foi possível pelo processo de extermínio empreendido pelos colonos e bugreiros. Estes muitas vezes procuraram desumanizar do índio, torná-lo uma praga a ser erradicada.

⁴⁸ MACIEL, Pedro Vieira.; DALL’ALBA, João Leonir. **História do grande Araranguá**. Araranguá: Gráfica Orion Editora, 1997. p. 85.

Novamente nos valem do depoimento da senhora Alvina Rocha Longaretti, ao qual ela afirma que “Os caçadores não criavam, eles mesmos as crianças, porque, crescendo, podiam vingar-se. Diziam que as mulheres eram muito sujas, que dava até nojo. É, eram animais, não tinham noção de higiene.”⁴⁹ A falta de higiene é um dos pontos fortes, pois as mães andam sempre em estado deplorável de imundice, segundo o depoimento de Custódia Rocha Alexandre:

Alguma vez chegaram em paz e os bugres ofereciam mel. Mas os bugres expremiam o mel dos favos e o mel corria pelos braços sujos, aí os brancos não queriam. ‘Mas por que não quer?’ ‘Porque tua mulher tem mão suja, manda lavar depois nós comemos’.⁵⁰

Se por um lado as narrativas mostram que, para os colonos, os índios eram considerados portadores de hábitos diferentes e inferiores aos seus e que por isso mantinham distância, por outro a narrativa seguinte de Doraci Rocha Antonio aborda a sua ligação genética com o indígena, conferindo ao índio a característica da resistência:

Meu avô era filho de uma bugra, bugra de verdade, pegada no mato e criada em casa (...). Contava que andavam matando os índios e ficavam com dó das crianças pequenas. Então traziam para fora e criavam como gente civilizada. Minha mãe era mulher forte, perguntavam o porquê. ‘Ah, tenho sangue de bugra!’ Ainda hoje eu digo: ‘Como é bom ter sangue de bugre! Tenho saúde, sou forte!’.⁵¹

As crianças indígenas, filhos e filhas dos índios, eram trazidos para exercer trabalhos domésticos. Por vezes eram mandados para o governo e muitos colonos encomendavam nas caçadas que trouxessem “bugrinhos” para serem criados. Não é possível afirmarmos que o tratamento dado para as crianças indígenas, inseridas entre os colonos, tenham uma forma igualitária às crianças brancas. Muitas são citadas como “filhotes de bugres”, não se estabeleciam uma relação de parentesco, segundo a concepção de família; entretanto de modo algum poderemos cair na generalização. O que é interessante é que por mais que os índios estejam presentes

⁴⁹ LONGARETTI, Alvina Rocha entrevistada em Meleiro. DALL’ALBA, João Leonir. **História do grande Araranguá**. Araranguá: Gráfica Orion Editora, 1997. p. 320.

⁵⁰ ALEXANDRE, Custódia Rocha. Op. Cit., p. 323.

⁵¹ ANTONIO, Doraci Rocha. Op. Cit., p. 205.

entre os colonos, partilhando de seus costumes, independente do tempo que passe, salvo algumas exceções, os índios nunca se desassociam da imagem selvagem e cruel. É Doraci Rocha Antonio quem nos diz:

Minha avó contava que um vizinho dela criou uma bugrinha, desde pequenininha. Foi no acampamento, matou os velhos e da pequenininha, ficou com dó, e trouxe pra casa. Criou. Já estava uma moça. Tinha uma meninota, mais dois pequenininhos. Um dia foi passear com a mulher e levou os dois pequenos, deixando a bugra e a outra filha em casa. Deviam ficar dois dias, mas voltaram no mesmo dia (...). Quando chegaram, a bugra que eles criaram tinha matado a menina e estava comendo assada! Nem é preciso perguntar o que fizeram com a bugra. Mataram. Nunca mais criaram bugrinhos.⁵²

Em outro relato, uma “bugra” já casada e presente entre os colonos, não abandona suas práticas.

Um parente meu casou com uma bugra (...). Era tão brava, que ganhava nenê e mordida as criancinhas no dente (...). Adonde ela achava melancia verde e porongo, devorava logo. Meu pai plantou uma roça de melancias e uns porongos num cantinho. Mas ela devorava. Eles gostavam do amargo. Comia também madura. Mas não respeitava: tivesse verde, comia verde. Nos primeiros tempos que o João levou a mulher para casa, os bois ficavam mal e precisava o sol ficar alto para poder cangá-los.⁵³

Mais uma vez percebemos a presença forte do mítico: os bois sentem-se incomodados com a presença da indígena, como se fosse um predador natural. Esta representação de selvagem que não pode conter seus “instintos”, da impossibilidade na adaptação, de permanecer com os costumes e as práticas, legitimava ainda mais as ações contra os índios. Os que se salvavam do extermínio, eram taxados de “vadios”, arrancados de suas terras e sua cultura, precisavam alterar todo o seu modo de vida para uma concepção europeia de trabalho disciplinado.

Isso difere daqueles discursos que estiveram mais próximos às áreas de conflito. Em Araranguá, duas crianças vindas de batidas realizadas em Meleiro

⁵² ANTONIO, Doraci Rocha.; DALL'ALBA, João Leonir. **História do grande Araranguá**. Araranguá: Gráfica Orion Editora, 1997. p. 206.

⁵³ MARTINS, Docelíria.; DALL'ALBA, João Leonir. **História do grande Araranguá**. Araranguá: Gráfica Orion Editora, 1997. p. 216-217.

foram adotadas, e chegaram à idade adulta. Iraci, para aqueles que o conhecerem, aparece como um rapaz trabalhador, pacífico e Anita teria sido professora, sendo alguns de seus alunos os próprios entrevistados. Mas afinal como se deu essa adoção? Para compreender melhor as relações das crianças, as poucas que sobreviveram, com sua nova família, voltamos um pouco sobre a história de vida de Iraci. As informações são narradas por Zélio Cucas Maciel, 65 anos, neto de José Maciel, quem adota o pequeno "indiozinho". Primeiro ponto, Iraci, se chamava Iraci Maciel Brasil, recebeu o nome do seu suposto pai adotivo e foi alfabetizado na escola, serviu ao exército. Tinha nos seus lábios o símbolo característico do grupo, em relação aos primeiros períodos "Não foi fácil [...] Ele ai para o fundo da chácara catar corós em paus podres. De começo fazia comida especial quase sem sal".⁵⁴ Nas várias narrativas de famílias que criaram índios o sal era apresentado como um causador da mortalidade infantil.⁵⁵ Segue a narrativa, Iraci era uma pessoa pacata e trabalhadora, aprendeu a lidar com animais, a andar a cavalo, recebeu de seu "pai" um terreno no Lago da Serra. Durante um determinado momento, acabou envolvido em uma contenda, ferindo um sujeito, de nome Otávio Batista. Procurado pela polícia, se refugiou em uma propriedade, na estrada do Arroio, que pertencia a José Maciel.

Dormia na casa de pedra e de dia se refugiava no mato. Uma noite foi preso. Cadeia era no atual posto da CIDASC. Eu peguei a me movimentar para tirá-lo de lá. Foi quando descobrimos que existia uma lei federal que índio não podia ser processado pela justiça comum. Aí o mais antigo advogado daqui, Manuel Telésforo Machado, é que conseguiu a libertação, apresentando tal lei. O Juiz Leonardo Antonio Lobado anulou o processo⁵⁶

O caso é confirmado durante entrevista de Lino Honorato Fernandes.⁵⁷ Alguns pontos, não estão claros, considerando a fonte, entretanto, ficou

⁵⁴ MACIEL, Zélio Cucas.; DALL'ALBA, João Leonir. **História do grande Araranguá**. Araranguá: Gráfica Orion Editora, 1997. p. 91.

⁵⁵ Sobre as várias explicações que colocam o sal como causador da morte deos índios criados pelas famílias ver: **História do grande Araranguá**. Araranguá: Gráfica Orion Editora, 1997.

⁵⁶ MACIEL, Zélio Cucas.; DALL'ALBA, João Leonir. **História do grande Araranguá**. Araranguá: Gráfica Orion Editora, 1997. p. 91-92.

⁵⁷ FERNANDES, Lino Honorato.; DALL'ALBA, João Leonir. **História do grande Araranguá**. Araranguá: Gráfica Orion Editora, 1997. p.421.

evidenciado que: Iraci foi adotado por José Maciel, esteve envolvido em uma contenda, passou um tempo na cadeia, é libertado pela participação direta de Zélio, passou os últimos dias de sua vida em Siderópolis.

A proximidade do índio com a natureza e seus costumes “desavergonhados” considerados inferiores pelo colono impedia, atrapalhava a construção de uma nação branca e europeia e por isso, mesmo com o forte envolvimento do colono em seu extermínio, outro sujeito entra neste enredo no papel do “caçador” para limpar o terreno.

Narrativas sobre o bugreiro

No processo de colonização do Sul de Santa Catarina, a medida que o território ia sendo ocupado pelo imigrantes europeus as tensões com os índios ia aumentando e seu território foi diminuindo. Assim, para acabar com os supostos “roubos e as crueldades” empreendidas pelos índios, os colonos valem-se da contratação de caçadores, através das próprias companhias colonizadoras, que cobravam uma taxa referente à proteção e obrigava a participação dos próprios colonos nas caçadas. Neste contexto aparece a figura do bugreiro composto por brasileiros de origem lusa, mas também havia a participação dos colonos imigrantes.

As tropas de bugreiros compunham-se, em regra, com 8 a 15 homens. A maioria deles era aparentada entre si. Atuavam sob a ação constante de um líder, que tinha sobre o grupo pleno poder de decisão. As referências que logramos obter sobre essas tropas indicam que a quase totalidade era formada por caboclos, conhecedores profundos da vida do sertão. Ao formar um grupo, o líder não tratava apenas de prestar serviços às colônias e seus habitantes. Também viajantes, tropeiros e agrimensores utilizaram constantemente essas tropas para sua proteção quando necessitavam atravessar ou permanecer em território onde a presença indígena era frequente. Os bugreiros se integraram assim ao contexto vigente, oferecendo segurança a quem desejava.⁵⁸

Com o surgimento do bugreiro, a presença indígena é reduzida drasticamente ao longo dos anos, até o extermínio total na região. Logicamente a culpa não lhes é exclusiva, já que muitos colonos eram responsáveis por estas

⁵⁸ SANTOS, Silvio Coelho dos. Op. Cit., p. 83.

práticas ou os acompanhavam nas caçadas, mas o bugreiro foi decisivo nesta empreitada, isso porque, vemos de forma mais efetiva uma “profissionalização” na caçada aos índios.

O que garantia um bom caçador de índios era um bugreiro treinado, que tinha habilidades e conhecimento da mata. Apresentamos um dos mais interessantes depoimentos da obra de Dall’Alba, ao qual Antonio Patrício da Silva refere-se a um destes bugreiros com uma imagem heróica e destemida:

Ele fazia piques a rumo e seguia. Eu conheci ele como Daniel Silvério. Homem de muita coragem, o de maior coragem dos homens daquele tempo. (...) Caçava muito coati e capivara. Carregava uma metade de capivara arceada nas costas e vinha pelo mato. Andava de pé no chão. Mas, quando carregado, amarrava umas cascas de palmito nos pés, para não espinhar. Tinha muita força. Corria mais do que o cachorro, no mato, atrás de um coati, coati-mundéu. Matava coati de mais de três dedos de toucinho. Coisa medonha! Muito atirador. Dizia ter matado um tigre na serra. Caçava tudo. (...) Igual a ele nunca surgiu outro. (...) Às vezes vem de quinhentos em quinhentos anos, ou em mil anos, uma pessoa assim.⁵⁹

É fantástico percebermos que estas habilidades que constam no depoimento, atribuídas geralmente ao índio como um animal, quando relacionadas ao bugreiro, adquirem uma importância diferenciada, pois ele é astuto, forte, ágil e “igual a ele nunca surgiu outro”. Em outra entrevista, diz-se que um branco foi criado por índios, esteve dentro da cultura, aprendeu a conhecer e a usar a floresta, e depois utilizou essas técnicas para caçá-los. Neste outro depoimento, João de Souza Machado fala um pouco destas caçadas:

Os brancos mataram muito índios. Era uma caçada como se mata outro animal qualquer. A família Rocha era tradicional de caçadores de índios. Entravam, desarmavam as flechas, na alta madrugada, e matavam dentro do rancho mesmo. Manuel Alberto Rocha, meu parente, de Meleiro, esse ia caçar lá nos costões. Havia antes o Juca Rocha. Era uma tradição de caçadores de índios. Tinham os capangas que iam com ele. Era os heróis do tempo, caçavam como se fosse animal selvagem. Mesma coisa. Numa caçada que eles caçaram mais no costão do Meleiro pegaram o Iraci e a Anita e deram para a família Maciel. Isto lá nas

⁵⁹ SILVA, Antonio Patrício da.; DALL’ALBA, João Leonir **História do grande Araranguá**. Araranguá: Gráfica Orion Editora, 1997. p. 303-304.

últimas caçadas. De 1900 para trás é que foi o grande momento das caçadas.⁶⁰

Infere-se então que o bugreiro ocupa um papel de herói nesta sociedade, um homem honrado que defende as famílias dos bárbaros indígenas. Mas será isso mesmo? O bugreiro é visto como um salvador, um guerreiro que, mesmo por interesses econômicos, é responsável por garantir a segurança dos colonos e suas famílias? Apresentamos outra possibilidade a este sujeito, uma dicotomia acerca de sua imagem que não é explicitamente discutido em grande parte das produções historiográficas sobre a temática. Não podemos negar o bugreiro no papel de prestígio desta sociedade, seus serviços eram requisitados e muito bem quistos'.⁶¹ Entretanto os relatos apontam para outra imagem do bugreiro.

Orlando Pressa em seu depoimento diz: "A gente chegava a temer o Vitório Coral que era agrimensor e que caçava índios. Índios e, dizia-se, também outra gente. Às vezes entrava no mato com trabalhadores e esses não voltavam. Por qualquer coisa enfurecia-se."⁶² Felicidade Rocha, ao lembrar um dos mais famosos caçadores de bugre, diz que "Aqui havia uma pessoa chamada Chico Bugre: era pessoa muito ruim, capaz de matar uma pessoa, brabo, quase não trabalhava."⁶³ Observa-se nestes relatos outra imagem do bugreiro, de herói das colônias a sujeito temido, violento e que mataria facilmente não somente os índios, mas qualquer pessoa que atravessasse seu caminho ou que não seguisse suas ordens.

Sem espaços de memória: a invisibilidade indígena no Sul de Santa Catarina

Quando culturas distintas se relacionam, como em nosso caso da colonização no sul de Santa Catarina, o grupo dominante, pelo contexto ou poderio que este dispõe, trata logo de parcialmente ou totalmente eliminar todos os traços

⁶⁰ MACHADO, João de Souza.; DALL'ALBA, João Leonir. **História do grande Araranguá**. Araranguá: Gráfica Orion Editora, 1997. p. 35.

⁶¹A imagem do bugreiro como herói pode ser vista em: SANTOS, Silvio coelho dos. **Índios e brancos no sul do Brasil**. Florianópolis, Lunardelli: 1973.; SELAU, Mauricio da Silva. **A ocupação do território Xokleng pelos imigrantes italianos no sul catarinense (1875-1925): resistência e extermínio**. Florianópolis: Bernúncia, 2010.

⁶² PRESSA, Orlando.; DALL'ALBA, João Leonir. **História do grande Araranguá**. Araranguá: Gráfica Orion Editora, 1997. p. 345.

⁶³ ROCHA, Felicidade. Op. Cit., p. 222.

que representem à cultura do *outro*, encarada deste modo como uma cultura inferior. É difícil dizermos que isto faz parte de um processo consciente, em que determinado grupo articula seus espaços e sufoca a cultura outrora “dominada”, mas gestos e atitudes presentes na posteridade, ainda legitimam fortemente a imagem heróica e o pioneirismo do imigrante europeu. Mas esta tática de exclusão indígena não foi tão dificultosa.

Com o extermínio em massa dos índios na região para construção de uma sociedade branca e “civilizada” foi suprimida toda a possibilidade de perpetuar costumes e tradições indígenas. Entretanto, é preciso apontar que reminiscências culturais destes povos ainda se perpetuam no Sul Catarinense, originadas nos períodos de contatos. O conhecimento indígena, em grande medida o Xokleng, foi assimilado no cotidiano de diversas formas, como a culinária, o reconhecimento da fauna práticas, costumes, nome de lugares etc.⁶⁴

A alocação de remanescentes indígenas em espaços demarcados, como é caso da Aldeia Guarani – Tekóa Marangatu situada no município de Imarui⁶⁵ significa a limitação geográfica de uma cultura voltada ao nomadismo. A redução, ou quase inexistência de espécimes selvagens para a caça, a constante pressão por espaços e interesses econômicos, uma representação negativa ligada ao índio proveniente de uma defesa a uma concepção de trabalho assalariado e disciplinado, permanecem divulgando com imensa força o repúdio e a desconsideração para com o indígena. Busca-se na produção do artesanato e na mendicância, uma forma de sobrevivência, recebendo certo auxílio governamental e de instituições que pretendem garantir o básico para uma salvaguarda de resquícios culturais. Mesmo frente a toda essa adversidade, os índios vêm resistindo, criam táticas e estratégias para enfrentar cotidianamente as imposições dos não índios.

⁶⁴ Os nomes de algumas cidades do sul de Santa Catarina são originários de expressões indígenas, como por exemplo, Maracajá, Urussanga, Imarui, Jaguaruna, Araranguá, Imbituba, Içara.

⁶⁵ Sobre a Aldeia guarani Tekóa Marangatu situada no município de Imarui no Sul Catarinense ver: SOUZA, Alexandra Serafim. **As narrativas como estratégia(s) de construção identitária dos índios guarani da aldeia Tekoá Marangatu, em Imaruí (SC)**. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2010.

Na região do grande Araranguá, foco deste escrito, não existe um único monumento voltado ao indígena. Em contrapartida, os monumentos aos colonizadores, museus, memoriais, festas típicas; pululam aos montes. Os que podem “escrever” a história, fazem como lhes convém, colocando no papel o que é mais conveniente. Muitas famílias descendentes destes colonos europeus gozam de certo prestígio social e poder aquisitivo considerável, sendo grandes empresários que perpetuam o nome de suas famílias e as tradições de sua cultura. As festas que são promovidas na região são conscientes ou não, outra forma de legitimar a imagem do colono. São festas com roupas e comidas típicas, músicas, homenagens e etc. Algumas duram uma semana ou até o mês inteiro. Este culto às tradições européias é “(...) uma prática que se deslocou do cotidiano, envelheceu e morreu como cultura, restando seu estereótipo (...)”.⁶⁶ É constante o discurso de se dizer italiano, alemão, polonês; mesmo que sua nacionalidade seja brasileira, repleta de miscigenações e que essa cultura que é defendida não tenha mais nenhum sentido pela perda efetiva de seus costumes.

Não afirmamos que necessariamente todas as famílias estiveram envolvidas no extermínio indígena, mas que este tipo de celebração étnica reforça a posição dominante desta cultura, que constantemente busca perpetuar seu reconhecimento com rituais simbólicos. Além de suplantar explicitamente a presença indígena e tentar “apagar” da história a barbárie empreendida sobre estes povos, estas práticas excluem aqueles que não descendem deste grupo minoritário, ao qual, na primeira hipótese, não se reconhecem com as tradições e como cidadão do lugar, - é o caso de pessoas que vieram de outras regiões do país - e na segunda hipótese, esta cultura está tão arraigada que sua legitimação é garantida.

O reflexo desta ideologia faz-se presente na obra *Histórias do Grande Araranguá*. Partindo do princípio que um grande número das entrevistas que nele constam são de pessoas que estiveram ligadas direta ou indiretamente com a colonização, descendendo dos imigrantes europeus reconhecemos nas falas de seus protagonistas essa defesa de um passado heróico e desbravador, construído

⁶⁶ NASCIMENTO, Dorval. **Faces da Urbe**: processo identitário e transformações urbanas em Criciúma – SC (1945-1980). São Luís: Café & lápis; Criciúma: EDIUNESC, 2012. p. 144.

com o trabalho e a boa índole dos colonos. Com as ressignificações das memórias, as entrevistas estão carregadas de um sentimento ético que praticamente isenta o imigrante de algum ato de barbárie, mas confere uma ação justificada frente à crueldade dos indígenas.

Nos espaços de memórias como museus da região, o silêncio sobre este passado colonizador, por ser deveras “pesado” ao apresentá-lo as crianças. Este silêncio ou transformação para um passado conveniente sustenta um ciclo de construções etnocêntricas. Não que a história tenha sido pouco verossímil, mas nos dá uma abrangência afunilada como um foco de luz na escuridão, que ilumina e torna visível certo ponto, mas deixa totalmente obscuro grande parte dele. Por isso a obra de Dall’Alba abre-se como um leque de possibilidades ao historiador, que pode construir suas interpretações através das memórias enquanto fontes e colocar novos problemas a partir das questões do presente. O que se buscou levantar neste estudo foi uma discussão inicial, uma breve introdução, que contribua para a historiografia da colonização no sul de Santa Catarina e suas relações com os povos indígenas. Buscou-se colocar o índio na condição de sujeito de sua história e que procurou enfrentar dentro dos seus limites as forças que chegaram à região.

Referências Bibliográficas:

BACZKO, Bronislaw. Imaginação social. In: **Enciclopédia Einaudi**. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, Editora Portuguesa, 1985.

BALDESSAR, Quinto Davide. **Os imigrantes no confronto com os índios**. 2. ed. [S. l.]: Do autor, 2005. 86 p.

DALL’ALBA, João Leonir. **Histórias do Grande Araranguá**. Araranguá (SC): Gráfica Orion Editora, 1997. 519 p.

___ **O Vale do Braço do Norte**. Orleans: Edição do autor, 1973.

___ **Laguna antes de 1880**: documentário. Florianópolis: Lunardelli/UDSC, 1979.

___ **Imigração italiana em Santa Catarina**. Caxias do Sul: Editora da Universidade de Caxias do Sul. Florianópolis: Lunardelli, 1983.

___ **Colonos e mineiros no grande Orleans**. Florianópolis: Lunardelli, 1986.

___ **Pioneiros nas terras dos condes**. 2ª ed. Orleans: Gráfica do Lelo, 2003.

___ **São Ludugero para o Brasil**: Memórias do padre José Pereira Kuns. Orleans: FEBAVE, 2005.

- DEFOE, Daniel. **Robinson Crusoe**. São Paulo: Scipione, 1996. 112 p.
- JUNQUEIRA, Carmen. **Antropologia indígena: uma introdução: história dos povos indígenas no Brasil**. 2. ed São Paulo: EDUC, 2008. 103 p.
- KOCH, Dorvalino Eloy. **Tragédias euro-xokleng e contexto**. Brusque, SC: Ed. do autor, 2002. 304 p.
- LAVINA, Rodrigo. Indígenas de Santa Catarina: história de povos invisíveis. *In: BRANCHER, Ana. História de Santa Catarina: estudos contemporâneos*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1999.
- NASCIMENTO, Dorval do. **Faces da Urbe: Processo Identitário e Transformações Urbanas em Criciúma/SC (1945 - 1980)**. São Luís: Café e Lápis; Criciúma: Ediunesc, 2012.
- RUIZ, Rafael. Literatura: novas formas de abordar o ensino de história. *In: KARNAL, Leandro (Org.). História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas*. 2.ed. São Paulo,Contexto: 2004.
- RIBEIRO, Darcy. **Os índios e a civilização: a integração das populações indígenas no Brasil moderno**. 7 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- SANTOS, Silvio coelho dos. **Índios e brancos no sul do Brasil**. Florianópolis, Lunardelli: 1973.
- SELAU, M. da S. **A ocupação do território Xokleng pelos imigrantes italianos do Sul Catarinense (1875-1925): resistência e extermínio**. 2006. 156 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.
- SOUZA, Alexandra Serafim. **As narrativas como estratégia(s) de construção identitária dos índios guarani da aldeia TekoáMarangatu, em Imaruí (SC)**. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2010.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário. **Revista Brasileira de História**, v. 15, n. 29, p. 9-27, 1995.
- POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. Traduzido por Dora Rocha Fleksman. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.
- __. Memória e Identidade social. Traduzido por Monique Augras. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992.
- WITTMANN, L.T. **O vapor e o botoque: imigrantes alemães e índios xokleng no Vale do Itajaí/SC (1850-1926)**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2007. 265 p.
- ZANELATTO, João Henrique. **De olho no poder: o integralismo e as disputas políticas em Santa Catarina na era Vargas**. Criciuma: ediUNESC/EdiPUCRS, 2012.